

SARAH J. MAAS

TRONO  
*de*  
VIDRO

REINO DE CINZAS

VOL. 6

*Tradução*  
Mariana Kohnert

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2019

## ❧ O PRÍNCIPE ❧

Ele a estava caçando desde o momento em que ela fora tirada dele.

Sua parceira.

Mal se lembrava do próprio nome. E só se lembrava porque os três companheiros o repetiam enquanto procuravam por ela através de mares violentos e escuros, em meio a florestas antigas e dormentes, sobre montanhas varridas por tempestades e já enterradas na neve.

Ele parava por tempo o bastante para alimentar o corpo e dar aos companheiros algumas horas de sono. Não fosse por eles, teria alçado voo, disparando para muito longe.

Mas precisaria da força de suas lâminas e magia, precisaria da esperteza e da sabedoria dos companheiros antes de aquilo acabar.

Antes de ele enfrentar a rainha sombria que o havia dilacerado por dentro, roubando sua parceira muito antes que ela fosse trancada em um caixão de ferro. E depois que terminasse com a rainha sombria, depois daquilo, enfrentaria os próprios deuses de sangue frio, determinados a destruir o que talvez ainda restasse de sua parceira.

Por isso, ele permanecia com seus companheiros, mesmo conforme dias se passavam. Então semanas.

Então meses.

Ainda assim, ele buscava. Ainda assim, ele a caçava a cada estrada empoeirada e esquecida.

E, às vezes, falava pelo laço entre os dois, lançando sua alma ao vento para onde quer que ela estivesse presa, enterrada.

*Encontrarei você.*

## ❧ A PRINCESA ❧

O ferro a sufocava e tinha extinguido o fogo em suas veias tão precisamente quanto se as chamas tivessem sido encharcadas.

Ela conseguia ouvir a água, mesmo na caixa de ferro, mesmo com a máscara de ferro e as correntes adornando-a como fitas de seda. O rugido, a corrente infinita de água sobre pedra: aquilo preenchia o vazio entre seus gritos.

Um fiapo de ilha no coração de um rio oculto por névoa, pouco mais do que um pedaço liso de rocha entre corredeiras e cachoeiras. Era onde a haviam colocado. Onde a armazenaram. Em um templo de pedra construído para algum deus esquecido.

Assim como ela provavelmente seria esquecida. Era melhor do que a alternativa: ser lembrada por seu fracasso total. Se é que restaria alguém para se lembrar dela. Se é que sequer restaria alguém.

Ela não permitiria. Aquele fracasso.

Não contaria o que queriam saber.

Não importava com que frequência seus gritos abafassem o rio revoltado. Não importava com que frequência o estalar de seus ossos interrompesse os urros das corredeiras.

Ela tentara contar os dias.

Mas não sabia por quanto tempo a haviam mantido naquela caixa de ferro. Por quanto tempo a haviam obrigado a dormir, embalada no esquecimento pela fumaça doce despejada ali dentro enquanto viajavam até aquele lugar. Até aquela ilha, aquele templo de dor.

Não sabia por quanto tempo duravam os intervalos entre seus gritos e seus momentos acordada. Entre a dor que terminava e começava novamente.

Dias, meses, anos — escorriam assim como seu sangue escorria sobre o piso de pedra, em direção ao rio.

Uma princesa que deveria viver por mil anos. Ou mais.

Aquilo fora uma dádiva. Agora era sua maldição.

Outra maldição para carregar, tão pesada quanto aquela colocada sobre ela muito antes de seu nascimento. Sacrificar-se para consertar um erro antigo. Pagar a dívida de outra aos deuses que tinham encontrado aquele mundo e ficado presos nele. Governando-o.

Ela não sentia a mão quente da deusa que a abençoara e condenara com poder tão terrível. E se perguntava se aquela deusa de luz e chamas sequer se importava que ela estivesse presa na caixa de ferro — ou se a imortal tinha transferido a atenção para outro. Para o rei que poderia se oferecer no lugar dela e, ao entregar a própria vida, poupar o mundo.

Os deuses não se importavam com quem pagasse a dívida. Então ela sabia que não iriam até ela, não a salvariam. Por isso não se incomodou em rezar para eles.

Mas, ainda assim, ela contava a história para si mesma; ainda assim, às vezes, imaginava que o rio a contava para ela. Que a escuridão viva dentro do caixão selado também a contava para ela.

*Era uma vez, em uma terra há muito queimada até virar cinzas, uma jovem princesa que amava seu reino...*

E para baixo ela ia, afundando nas profundezas daquela escuridão, do mar de chamas. Tão profundamente que, quando o chicote estalava, quando ossos se partiam, ela às vezes não sentia.

Na maioria das vezes, sentia.

Era durante aquelas horas infinitas que ela fixava o olhar em seu companheiro.

Não no caçador da rainha, que podia causar dor como um músico tirando a melodia de um instrumento. Mas no imenso lobo branco, acorrentado por amarras invisíveis. Forçado a testemunhar aquilo.

Havia dias em que ela não suportava olhar para o lobo. Quando chegava perto, perto demais, de quebrar. E apenas a história a impedia.

*Era uma vez, em uma terra há muito queimada até virar cinzas, uma jovem princesa que amava seu reino...*

Palavras que dissera a um príncipe. Uma vez — havia muito tempo.

Um príncipe de gelo e vento. Um príncipe que lhe pertencera, assim como ela a ele. Muito antes de o laço entre suas almas se tornar conhecido aos dois.

Era sobre ele que recaía a tarefa de proteger aquele reino um dia glorioso.

O príncipe cujo cheiro tinha notas de pinho e neve, o cheiro do reino que ela havia amado com seu coração de fogo selvagem.

Mesmo quando a rainha sombria presidia as sessões do caçador, a princesa pensava nele. Agarrava-se àquela memória como se fosse uma rocha no rio revoltoso.

A rainha sombria com sorriso de aranha tentava usar isso contra ela. Nas teias de obsidiana que tecia, nas ilusões e nos sonhos que lançava no ápice de cada ponto de destruição, ela tentava deturpar a memória dele, como se vísse uma chave na mente da princesa.

Mesclavam-se. Mentiras e verdades e memórias. Sono e escuridão no interior do caixão de ferro. Os dias atada ao altar de pedra no centro do salão, ou pendurada em um gancho no teto, ou amarrada entre correntes ancoradas na parede de pedra. Tudo começava a ficar borrado, como tinta na água.

Então ela contava a história para si mesma. A escuridão e as chamas nas profundezas de seu corpo também sussurravam, e ela cantava de volta para elas. Trancafiada naquele caixão escondido em uma ilha no coração de um rio, a princesa recitava a história, de novo e de novo, e deixava que liberassem uma eternidade de dor sobre seu corpo.

*Era uma vez, em uma terra há muito queimada até virar cinzas, uma jovem princesa que amava seu reino...*

# PARTE UM

## *Exércitos e aliados*

## ❧ 1 ❧

A neve tinha chegado mais cedo.

Mesmo para Terrasen, a primeira nevasca de outono tinha caído muito antes da época habitual.

Aedion Ashryver não tinha muita certeza de que era uma bênção, mas se mantivesse as legiões de Morath longe da porta deles por mais algum tempo, ele se ajoelharia para agradecer aos deuses. Ainda que esses mesmos deuses ameaçassem tudo que ele amava. Se é que seres de outro mundo podiam ser considerados deuses.

Aedion supunha que tinha coisas mais importantes para contemplar, de qualquer forma.

Durante as duas semanas desde que se reunira com a Devastação, não tinham visto sinais das forças de Erawan, terrestres ou aéreas. A neve espessa começara a cair apenas três dias depois de sua chegada, prejudicando o processo já lento de transportar as tropas reunidas da armada para o extenso acampamento da Devastação na planície de Theralis.

Os navios tinham subido o rio Florine, velejando direto até a porta de Orynth, com bandeiras de todas as cores oscilando ao vento gelado das montanhas Galhada do Cervo: o cobalto e dourado de Wendlyn, o preto e carmesim de Ansel de Penhasco dos Arbustos e a cor prata reluzente da realeza Whitethorn e seus muitos primos. Os Assassinos Silenciosos, dispersados em meio à frota, não tinham bandeira, embora nenhuma fosse necessária para identificá-los — não com as roupas pálidas e a variedade de armas lindas e perigosas.

Os navios em breve se reuniriam à retaguarda deixada na entrada do Florine e patrulhariam a costa desde Ilium até Suria, mas os soldados de infantaria — a maioria parte das forças do príncipe herdeiro Galan Ashryver — iriam para a frente de batalha.

Uma frente de batalha que estava enterrada sob vários metros de neve. Com mais neve caindo.

Escondido acima de um estreito desfiladeiro nas montanhas Galdada do Cervo, atrás de Allbrook, Aedion observou com irritação o céu pesado.

As roupas de pele de cor pálida o mesclavam ao cinza e branco da elevação rochosa, um capuz escondia seus cabelos dourados. E o mantinha aquecido. Muitas das tropas de Galan jamais tinham visto neve, graças ao clima temperado de Wendlyn. A realeza Whitethorn e sua força limitada não se saía muito melhor. Então Aedion tinha deixado Kyllian, seu comandante de maior confiança, encarregado de assegurar que estivessem tão aquecidos quanto era possível.

Eles estavam longe de casa, lutando por uma rainha que não conheciam ou que talvez nem acreditassem existir. Aquele frio gélido drenaria os humores e causaria discórdia mais rápido do que o vento uivante soprando entre aqueles picos.

Um lampejo de movimento do outro lado do desfiladeiro chamou a atenção de Aedion, visível apenas porque ele sabia para onde olhar.

Ela se camuflara melhor do que ele. Mas Lysandra tinha a vantagem de usar uma pelagem que fora criada naquelas montanhas.

Não que ele tivesse dito isso a ela. Ou sequer tivesse olhado para a metamorfa quando haviam partido naquela missão de reconhecimento.

*Aelin*, aparentemente, tinha assuntos secretos em Eldrys e deixara um bilhete com Galan e seus novos aliados para explicar seu desaparecimento. O que permitia que Lysandra os acompanhasse naquela tarefa.

Ninguém notara, durante os quase dois meses em que estavam mantendo o ardil, que a Rainha de Fogo não tinha uma brasa para mostrar. Ou que ela e a metamorfa jamais apareciam no mesmo lugar. E ninguém, nem mesmo os Assassinos Silenciosos do deserto Vermelho, ou Galan Ashryver, ou as tropas que Ansel de Penhasco dos Arbustos enviara com a armada na vanguarda do restante de seu exército, tinha reparado nos pequenos sinais que não pertenciam, de forma alguma, a *Aelin*. Também não tinham notado a marca no pulso da rainha que, independentemente da pele que vestisse, Lysandra não conseguia mudar.



Ela se esforçava para esconder a marca com luvas ou mangas longas. E se um lampejo da cicatriz aparecesse, podia ser explicado como um resquício das marcas de grilhões que restavam.

As cicatrizes falsas ela também acrescentara, exatamente onde Aelin as tinha. Junto com a risada e o sorriso malicioso. O andar arrogante e a quietude.

Aedion mal suportava olhar para ela. Falar com ela. Só fazia isso porque precisava manter a farsa também. Fingir que era o primo fiel, o comandante destemido que levaria Terrasen e sua rainha à vitória, por mais improvável que aquilo parecesse.

Então ele interpretava o papel. Um de muitos que interpretara na vida.

Mas no momento em que Lysandra mudava os cabelos dourados para as madeixas escuras, os olhos Ashryver para esmeralda, ele parava de reconhecer sua existência. Em alguns dias, o nó de Terrasen tatuado em seu peito, com os nomes da rainha e da corte em fuga entrelaçados, parecia marcado com um ferrete. O nome dela principalmente.

Aedion apenas a levava naquela missão para que fosse mais fácil. Mais segura. Havia outras vidas em risco além da dele, e embora pudesse ter delegado aquela tarefa de reconhecimento para uma unidade da Devastação, o guerreiro precisava da ação.

Levara mais de um mês para velejar de Eyllwe com os novos aliados, desviando da frota de Morath em torno de Forte da Fenda, e, então, mais as duas últimas semanas para se deslocarem para dentro do continente.

Eles quase não encontraram resistência. Apenas alguns bandos errantes de soldados de Adarlan, nenhum valg entre eles, com os quais lidaram rapidamente.

Aedion duvidava de que Erawan fosse esperar até a primavera. Duvidava de que o silêncio tivesse algo a ver com as condições climáticas. Tinha conversado sobre isso com seus homens, e também com Darrow e os demais lordes alguns dias antes. Erawan provavelmente estava esperando até o ápice do inverno, quando a mobilidade seria mais difícil para o exército de Terrasen, quando os soldados de Aedion estariam fracos depois de meses na neve, com os corpos rígidos de frio. Nem mesmo a fortuna do rei, que Aelin trapaceara a fim de conquistar para eles na última primavera, poderia impedir isso.

Sim, comida e cobertores e roupas podiam ser comprados, mas quando as fileiras de suprimentos estivessem enterradas na neve, que bem fariam? Todo o ouro em Erilea não poderia impedir o lento e constante escoamento de

força causado por meses em um acampamento de inverno, expostos aos elementos inclementes de Terrasen.

Darrow e os demais senhores não acreditavam quando Aedion afirmava que Erawan atacaria no ápice do inverno — nem mesmo acreditavam em Ren, quando o Lorde de Allsbrook ecoava em concordância. Erawan não era tolo, diziam eles. Apesar da legião aérea de bruxas, nem mesmo soldados de infantaria valg podiam atravessar a neve com 3 metros de profundidade. Tinham decidido que Erawan esperaria até a primavera.

Ainda assim, Aedion não arriscaria. Nem o príncipe Galan, que permanecera calado durante aquela reunião, mas que o havia procurado mais tarde para externar seu apoio. Precisavam manter as tropas quentes e alimentadas, mantê-las treinadas e prontas para marchar a qualquer momento.

Essa missão de reconhecimento, se a informação de Ren se provasse certa, ajudaria a causa.

Próximo a eles, um arco rangeu, quase inaudível devido ao vento. A ponta e a haste tinham sido pintadas de branco e eram quase invisíveis ao serem miradas com precisão mortal na direção da entrada do desfiladeiro.

Aedion encontrou os olhos de Ren Allsbrook, que estava escondido entre as rochas com a flecha pronta para voar. Coberto pelas mesmas peles brancas e cinza do general e com um cachecol claro sobre a boca, o jovem lorde mal passava de um par de olhos pretos e o vestígio de uma cicatriz profunda.

Aedion indicou para que ele esperasse e, mal olhando na direção da metamorfa do outro lado do desfiladeiro, passou a mesma ordem.

Que os inimigos se aproximassem.

Neve esmagada se misturava à respiração ofegante.

Bem na hora.

Aedion prendeu uma flecha no próprio arco e se abaixou mais na protuberância.

Como a batedora de Ren alegara ao correr para dentro da tenda de Aedion, cinco dias antes, havia seis deles.

Não se incomodaram em se misturar à neve e às rochas. A roupa de pele escura, desgrenhada e estranha, poderia muito bem ter sido um farol contra o branco ofuscante das montanhas Galhada do Cervo. Mas era o fedor, carregado por um vento ágil, que persuadia Aedion.

Valg. Nenhum sinal de um colar em um membro do pequeno grupo, qualquer indício de anel estaria escondido pelas luvas espessas. Aparentemente, mesmo vermes infestados por demônios podiam sentir frio. Ou seus hospedeiros mortais sentiam.

Os inimigos seguiram mais para o interior do desfiladeiro, e a flecha de Ren se manteve firme.

*Deixe um vivo*, ordenara Aedion antes de assumirem as posições.

Fora um palpite de sorte que os valg escolheriam aquele desfiladeiro, uma porta dos fundos quase esquecida para as terras baixas de Terrasen. Apenas amplo o bastante para que dois cavalos cavalgassem lado a lado, fora há muito ignorado por exércitos de conquistadores e por mercadores que procuravam vender as mercadorias no interior, além das montanhas Galhada do Cervo.

O que vivia ali, quem ousava morar naquele lugar além de qualquer fronteira reconhecível, Aedion não sabia. Assim como não sabia por que aqueles soldados tinham se aventurado tão profundamente para dentro das montanhas.

Mas descobriria em breve.

A companhia de demônios passou sob eles, e Aedion e Ren se moveram para reposicionar os arcos.

Um disparo direto no crânio. Ele escolheu seu alvo.

O aceno de Aedion foi o único sinal antes de a flecha disparar.



Sangue preto ainda fumegava na neve quando a luta terminou.

Durara apenas alguns minutos. Apenas alguns, depois que as flechas de Ren e de Aedion tinham encontrado os alvos e Lysandra tinha saltado do poleiro para dilacerar outros três. E destrinchar os músculos das panturrilhas do sexto e único sobrevivente da companhia.

O demônio gemeu quando Aedion caminhou em sua direção. A neve aos pés do homem tinha ficado preta, e suas pernas estavam em frangalhos. Como retalhos de uma bandeira ao vento.

Lysandra se sentou perto da cabeça dele, com a mandíbula manchada de ébano e os olhos verdes fixados no rosto pálido do sujeito. Garras afiadas como uma agulha brilhavam nas imensas patas.

Atrás deles, Ren verificou os demais em busca de sinais de vida. A espada se erguia e descia, decapitando-os antes que o ar frígido os tornasse rígidos demais para serem partidos.

— Imundície traidora — sibilou o demônio para Aedion, com o rosto estreito se contraindo de ódio. O fedor entupiu as narinas do guerreiro, lhe envolvendo os sentidos como óleo.

Ele sacou a faca na lateral do corpo, a adaga longa e cruel que Rowan Whitethorn lhe dera, e sorriu maliciosamente.

— Isso pode acabar rápido se você for esperto.

O soldado valg cuspiu nas botas cobertas de neve de Aedion.



O castelo Allsbrook tinha sido erguido com as montanhas Galhada do Cervo às costas e a floresta de Carvalhal aos pés havia mais de quinhentos anos.

Caminhando de um lado para outro diante do fogo crepitante aceso em uma das muitas lareiras imensas, Aedion conseguia contar as marcas de cada inverno brutal sobre as pedras cinzentas. Conseguia sentir naquelas pedras o peso da história carregada do castelo — os anos de bravura e serviço, quando aqueles corredores se encheram de cantoria e guerreiros, assim como os longos anos de tristeza que se seguiram.

Ao lado do fogo, Ren ocupava uma poltrona estofada e desgastada, seus antebraços apoiados nas coxas enquanto encarava as chamas. Tinham chegado tarde na noite anterior, e até mesmo Aedion estivera exausto demais da caminhada através da floresta de Carvalhal coberta de neve para fazer um tour pela moradia. E depois do que tinham feito naquela tarde, ele duvidava de que reuniria energias para isso.

O que um dia fora o grande salão estava silencioso e escuro além do fogo. Acima deles, tapeçarias desbotadas e brasões dos homens da bandeira da família Allsbrook oscilavam ao vento filtrado pelas janelas altas que cobriam um dos lados do aposento. Uma diversidade de pássaros se aninhava nas vigas, encolhidos contra o frio mortal além das paredes antigas da fortaleza.

E, entre eles, um falcão de olhos verdes ouvia cada palavra.

— Se Erawan está buscando uma forma de entrar em Terrasen — disse Ren, por fim —, as montanhas seriam tolice. — Ele franziu a testa para as bandejas deixadas de lado, onde a comida fora devorada minutos antes. Ensopado de cordeiro encorpado e vegetais de raiz assados. Em grande parte insípido, mas quente. — Esta terra não perdoa facilmente. Ele perderia inúmeras tropas apenas para as intempéries.

— Erawan não faz nada sem motivo — replicou Aedion. — A rota mais fácil para Terrasen seria pelas fazendas, nas estradas do norte. É para onde qualquer um esperaria que ele marchasse. Que viesse por lá, ou que lançasse suas forças da costa.

— Ou ambos, por terra e mar.

O general assentiu. Erawan tinha espalhado sua rede amplamente com o desejo de esmagar qualquer resistência que tivesse se erguido no continente. O disfarce do império de Adarlan se fora: de Eyllwe até a fronteira norte de Adarlan, do litoral do Grande Oceano até a imponente muralha de montanhas que partia o continente deles em dois, a sombra do rei valg crescia a cada dia. Aedion duvidava de que Erawan fosse parar antes de fechar colares pretos em volta do pescoço de todos eles.

E se Erawan conseguisse as duas outras chaves de Wyrð, se conseguisse abrir o portão de Wyrð sem resistência e libertasse as hordas de valg do próprio reino, talvez até mesmo escravizando exércitos de outros mundos para usá-los na conquista... Não haveria chance de impedi-lo. Nesse mundo ou em qualquer outro.

Toda a esperança de evitar esse destino terrível estava agora com Dorian Havilliard e Manon Bico Negro. Sobre para onde tinham ido naqueles meses, o que acontecera com os dois, Aedion não ouvira um sussurro. O que supunha ser um bom sinal. A sobrevivência de ambos permanecia em segredo.

Ele falou:

— Então parece estúpido que Erawan desperdice um grupo de reconhecimento para encontrar pequenos desfiladeiros montanhosos. — O guerreiro coçou a bochecha coberta pela barba por fazer. Tinham partido antes do alvorecer no dia anterior, e Aedion escolhera dormir em vez de se barbear. — Não faz sentido, estrategicamente. As bruxas podem voar, por isso mandar batedores para descobrir as fraquezas do terreno é de pouca utilidade. Mas se a informação for para exércitos terrestres... Espremer forças por pequenos desfiladeiros como aquele levaria meses, sem falar no risco devido às condições climáticas.

— O batedor deles ficava rindo — comentou Ren, sacudindo a cabeça e os cabelos pretos na altura dos ombros. — O que estamos deixando passar? O que não estamos vendo? — À luz do fogo, a cicatriz profunda em seu rosto parecia mais forte. Um lembrete dos horrores que Ren tinha suportado, aos quais sua família não sobrevivera.

— Poderia ser para nos deixar confusos. Para fazer com que reposicionemos nossas forças. — Aedion apoiou a mão na lareira, a pedra morna envolvendo sua pele fria.

Ren tinha, de fato, preparado a Devastação nos meses em que Aedion estivera fora, trabalhando de perto com Kyllian para posicioná-los o mais ao

sul de Orynth que o alcance de Darrow permitisse. O que, no fim das contas, era logo depois das encostas que ladeavam o limite mais ao sul da planície de Theralis.

Desde então, o jovem lorde entregara o controle a Aedion, embora a reunião do Lorde de Allsbrook com *Aelin* tivesse sido fria. Tão fria quanto a neve açoitando o exterior daquela fortaleza, para ser preciso.

Lysandra interpretara bem o papel, dominando a culpa e a impaciência de Aelin. E, depois daquilo, sabiamente evitando qualquer situação em que pudessem falar do passado. Não que Ren tivesse demonstrado desejo de relembrar os anos antes da queda de Terrasen. Ou os eventos do último inverno.

Aedion só podia torcer para que Erawan também permanecesse ignorante do fato de que não mais tinham a Portadora do Fogo entre eles. O que as tropas da própria Terrasen diriam ou fariam quando percebessem que a chama de Aelin não os protegeria na batalha, ele não queria considerar.

— Também poderia ser uma manobra legítima que tivemos a sorte de descobrir — ponderou Ren. — Então, arriscamos mover nossas tropas para os desfiladeiros? Há algumas já nas montanhas Galhada do Cervo, atrás de Orynth, e nas planícies setentrionais além delas.

Um movimento esperto da parte de Ren — convencer Darrow a permitir que posicionasse parte da Devastação *atrás* de Orynth, caso Erawan velejas-se para o norte e atacasse dali. Aedion não duvidava de que o desgraçado fizesse algo assim.

— Não quero que a Devastação se disperse demais — argumentou o guerreiro, estudando o fogo. Aquela chama era tão diferente, tão diferente do fogo de Aelin. Como se aquele diante dele fosse um fantasma em comparação com a coisa viva que era a magia de sua rainha. — E ainda não temos tropas o bastante para ceder.

Mesmo com as manobras desesperadas e ousadas de Aelin, os aliados que ela recrutara não chegavam nem perto do poder total de Morath. E todo aquele ouro que a rainha reunira não era o bastante para lhes conquistar mais — não quando sobrara tão poucos para convencer e se juntar à causa.

— Aelin não pareceu muito preocupada quando fugiu para Eldrys — murmurou Ren.

Por um momento, Aedion estava em uma faixa de areia encharcada de sangue.

Uma caixa de ferro. Maeve a pegara e colocara em um verdadeiro caixão. E zarpara, para onde somente Mala saberia dizer, com um sádico imortal como companhia.

— Aelin — começou Aedion, forçando um tom entediado da melhor forma possível, mesmo com a mentira o sufocando — tem planos próprios, que só nos contará quando a hora chegar.

Ren não respondeu. E embora a rainha que o lorde acreditava ter retornado fosse uma ilusão, Aedion acrescentou:

— Tudo o que ela faz é por Terrasen.

Ele lhe dissera coisas tão terríveis no dia em que Aelin derrotara os ilken. *Onde estão nossos aliados?*, indagara ele. Ainda tentava se perdoar por aquilo. Por tudo. Tudo o que tinha era aquela única chance de consertar as coisas, de fazer como ela pedira e salvar o reino.

Ren olhou para as espadas gêmeas que descartara na mesa antiga atrás deles.

— Mesmo assim, ela partiu. — Não para Eldrys, mas dez anos antes.

— Todos cometemos erros na última década. — Os deuses sabiam que Aedion tinha muitos para consertar.

Ren ficou tenso, como se as escolhas que o assombravam tivessem cutucado suas costas.

— Eu jamais contei a ela — disse Aedion, baixinho, para que o falcão sentado nas vigas talvez não ouvisse. — Sobre a casa de ópio em Forte da Fenda.

Sobre o fato de Ren conhecer a dona e de ter sido um frequentador assíduo do estabelecimento mesmo antes da noite em que Aedion e Chaol tinham entrado lá com ele, quase inconsciente, para se esconder dos homens do rei.

— Você às vezes é um verdadeiro canalha, sabia disso? — A voz do jovem lorde ficou rouca.

— Eu jamais usaria aquilo contra você. — Aedion encarou os olhos revoltados, deixando que Ren sentisse o domínio que fervilhava nos dele também. — O que eu ia dizer, antes de você sair da linha — acrescentou ele quando a boca de Ren se abriu de novo —, é que Aelin ofereceu a você um lugar nesta corte sem saber sobre aquela parte de seu passado. — Um músculo se contraiu na mandíbula do lorde. — Mas mesmo que soubesse, Ren, ainda assim teria feito aquela oferta.

O rapaz estudou o piso de pedra sob as botas.

— Não há corte.

— Darrow pode gritar isso o quanto quiser, mas discordo. — Aedion passou para a poltrona diante da de Ren. Se ele realmente apoiasse Aelin, agora que Elide Lochan tinha retornado e que Sol e Ravi de Suria provavelmente a apoiariam, isso daria à rainha de Aedion três votos a seu favor. Contra os quatro que se opunham a ela.

Havia pouca esperança de que o voto de Lysandra, como Lady de Caraverre, fosse reconhecido.

A metamorfa não pedira para ver a terra que seria seu lar caso sobrevivessem àquela guerra. Apenas se transformara em falcão na caminhada até lá e saíra voando por um tempo. Ao voltar, não tinha dito nada, embora os olhos verdes estivessem brilhando.

Não, Caraverre não seria reconhecida como território, não até que Aelin assumisse o trono.

Até que Lysandra fosse coroada no lugar dela, caso a rainha não retornasse.

Ela *retornaria*. Precisava retornar.

Uma porta se abriu na ponta do corredor, seguida por passos leves e apressados. Ele se levantou um segundo antes de um alegre “*Aedion!*” cantarolar pelas pedras.

Evangeline estava radiante, vestida da cabeça aos pés em roupas de lã verde debruadas de pele branca, os cabelos vermelho-dourados pendendo em duas tranças. Como as meninas das montanhas de Terrasen.

As cicatrizes se esticaram quando ela sorriu, e Aedion abriu os braços pouco antes de a menina se atirar neles.

— Disseram que você chegou tarde ontem à noite, mas partiu antes da primeira luz, e eu estava preocupada se deixaria de ver você de novo...

Ele lhe deu um beijo no alto da cabeça.

— Parece que você cresceu 30 centímetros desde a última vez que a vi.

Os olhos cor de citrino brilharam quando a menina olhou de Aedion para Ren.

— Cadê...

Um clarão de luz e ali estava ela.

Reluzente. Lysandra parecia reluzir conforme colocava uma túnica sobre o corpo nu, a roupa deixada em uma cadeira próxima exatamente para esse propósito. Evangeline se atirou nos braços da metamorfa, chorando um pouco de alegria. Os ombros dela estremeceram, e Lysandra sorriu, profunda e calorosamente, acariciando a cabeça da menina.



— Você está bem?

Para o mundo inteiro, a metamorfa teria parecido calma, serena. Mas Aedion a conhecia — conhecia seus humores, os pequenos gestos. Sabia que o leve tremor nas palavras era prova do turbilhão agitado sob a linda superfície.

— Ah, sim — respondeu Evangeline, afastando-se para olhar na direção de Ren. — Ele e o Lorde Murtaugh me trouxeram para cá logo depois. Ligeirinha está com ele, aliás. Murtaugh, quero dizer. Ela gosta mais dele do que de mim, porque ele lhe dá guloseimas às escondidas o dia todo. Está mais gorda do que um gato doméstico preguiçoso.

Lysandra gargalhou, e Aedion sorriu. A menina tinha sido bem cuidada.

Como se ela mesma tivesse percebido aquilo, Lysandra murmurou para Ren, com a voz parecendo um leve ronronar:

— Obrigada.

Vermelho manchou as bochechas do lorde conforme ele ficava de pé.

— Achei que ela ficaria mais segura aqui do que no acampamento de guerra. Mais confortável, pelo menos.

— Ah, é um lugar maravilhoso, Lysandra — cantarolou Evangeline, agarrando a mão da metamorfa entre as suas. — Murtaugh até mesmo me levou para Caraverre uma tarde, antes de começar a nevar, quero dizer. Você precisa ver. As colinas e os rios e as belas árvores, tudo bem ali, contra as montanhas. Achei que tivesse visto um leopardo-fantasma escondido no alto das rochas, mas Murtaugh disse que era um truque da minha imaginação. Mas juro que era um... Maior até que o seu! E a casa! É a casa mais linda que já vi, com um jardim murado nos fundos que Murtaugh disse que estará coberto de vegetais e rosas no verão.

Por um segundo, Aedion não conseguiu suportar a emoção no rosto de Lysandra, que ouvia enquanto Evangeline tagarelava sobre os grandiosos planos para a propriedade. A dor do desejo por uma vida que provavelmente seria tomada antes que ela tivesse a chance de reivindicá-la.

Ele se virou para Ren, cujo olhar estava fixo na metamorfa. Como ficava sempre que ela assumia a forma humana.

Combatendo a vontade de trincar os dentes, Aedion falou:

— Você reconhece Caraverre, então.

Evangeline continuou o alegre tagarelar, mas os olhos de Lysandra deslizaram na direção deles.

— Darrow não é o Lorde de Allsbrook. — Foi tudo o que Ren falou.

De fato. E quem não iria querer uma vizinha tão linda?

Quer dizer, isso quando ela não estivesse morando em Orynth sob a pele e a coroa de outra, usando Aedion para gerar uma linhagem real falsa. Pouco mais do que um ganhão procriador.

Lysandra mais uma vez assentiu em agradecimento, e Ren corou ainda mais. Como se não tivessem passado o dia todo caminhando pela neve e matando os valg. Como se o cheiro de sangue ainda não estivesse agarrado a eles.

De fato, Evangeline cheirou o manto que Lysandra levava envolto no corpo e fez uma careta.

— Você está fedendo. Todos vocês.

— Modos — brigou a metamorfa, mesmo gargalhando.

A menina colocou as mãos no quadril em um gesto que Aedion vira Aelin fazer tantas vezes que o coração dele chegou a doer.

— Você me pediu para dizer se estivesse fedendo. Principalmente o hálito.

Lysandra sorriu, e Aedion resistiu ao repuxar dos próprios lábios.

— Pedi mesmo.

Evangeline pegou a mão dela, tentando levar a metamorfa pelo corredor.

— Pode dividir o quarto comigo. Tem um aposento de banho nele. —

Lysandra deu um passo.

— Um belo quarto para uma hóspede — murmurou Aedion para Ren, erguendo as sobrancelhas. Devia ser um dos melhores ali, para ter o próprio banheiro.

O jovem lorde abaixou a cabeça.

— Era de Rose.

A irmã mais velha dele. Que fora assassinada com Rallen, a irmã do meio dos Allsbrook, na academia de magia em que estudavam. Perto da fronteira com Adarlan, a escola estivera diretamente no caminho das tropas invasoras.

Mesmo antes de a magia cair, teriam tido poucas defesas contra dez mil soldados. Aedion não se permitia relembrar com frequência o massacre de Devellin — aquela famigerada escola. Quantas crianças estavam lá. Como nenhuma delas tinha escapado.

Ren era próximo das duas irmãs mais velhas, mais ainda da bem-humorada Rose.

— Ela teria gostado da menina — esclareceu ele, indicando com o queixo Evangeline. Coberta de cicatrizes, percebeu Aedion, como Ren. O corte no rosto tinha sido feito enquanto ele fugia dos pavilhões de abate, com as vidas dos pais sendo o preço da distração que ajudara Ren e Murtaugh a escapar.

As cicatrizes de Evangeline tinham vindo de uma fuga diferente, evitando por pouco a vida infernal que a senhora dela tivera que aguentar.

Aedion também não se permitia lembrar com frequência esse fato.

Evangeline continuou puxando Lysandra para longe, ignorando a conversa.

— Por que não me acordou quando chegou?

Aedion não ouviu a resposta conforme ela se permitiu ser levada do salão. Não quando o olhar da metamorfa encontrou o dele.

Ela tentara falar com ele nos últimos dois meses. Muitas vezes. Dezenas de vezes. Ele a ignorara. E quando, por fim, chegaram ao litoral de Terrasen, Lysandra havia desistido.

A metamorfa tinha mentido para ele. Enganara-o tão profundamente que qualquer momento entre os dois, qualquer conversa... Aedion não sabia o que fora real. Não queria saber. Não queria saber se ela fora sincera quando ele tão estupidamente deixara tudo exposto diante dela.

Aedion tinha acreditado que aquela seria sua última caçada. Que poderia ir devagar com ela, mostrar tudo que Terrasen tinha a oferecer. Mostrar tudo que ele tinha a oferecer também.

*Vadia mentirosa*, dissera ele para Lysandra. Gritara aquelas palavras.

Aedion reunira bom senso o bastante para sentir vergonha. Mas o ódio permanecia.

Os olhos da metamorfa estavam cautelosos, como se pedindo: *Não podemos, neste raro momento de felicidade, falar como amigos?*

Ele apenas voltou para a lareira, bloqueando os olhos esmeralda e o belo rosto da mulher.

Ren podia ficar com ela. Mesmo que essa ideia o fizesse querer quebrar algo.

Lysandra e Evangeline desapareceram do salão, com a menina ainda tagarelado.

O peso do desapontamento de Lysandra permaneceu, como um toque fantasma.

Ren pigarreou.

— Quer me dizer o que está acontecendo entre vocês dois?

O guerreiro lançou a ele um olhar que teria feito homens mais fracos fugirem.

— Pegue um mapa. Quero repassar os desfiladeiros de novo.

Para crédito de Ren, ele saiu em busca de um.

Aedion olhou para o fogo, tão pálido sem a faísca de magia da sua rainha. Quanto tempo levaria até que o vento uivando do lado de fora do castelo fosse substituído pelos gritos das bestas de Erawan?



Aedion recebeu a resposta no alvorecer do dia seguinte.

Sentado em uma ponta da longa mesa do grande salão, enquanto Lysandra e Evangeline tomavam um café da manhã silencioso do outro lado, Aedion dominou o tremor dos dedos ao abrir a carta que o mensageiro entregara momentos antes. Ren e Murtaugh, sentados em volta dele, tinham se absterido de exigir respostas enquanto ele lia. Uma vez. Duas.

Por fim, o general abaixou a carta e respirou fundo ao franzir a testa para a luz cinza aquosa que entrava pelo conjunto de janelas altas na parede.

Na outra ponta da mesa, o peso do olhar de Lysandra o pressionou, mas ela permaneceu onde estava.

— É de Kyllian — informou Aedion, rouco. — As tropas de Morath aportaram na costa... em Eldrys.

Ren xingou. Murtaugh permaneceu calado. Aedion se manteve sentado, pois seus joelhos não pareciam capazes de aguentá-lo.

— Ele destruiu a cidade. Transformou tudo em escombros sem liberar uma única tropa.

Por que o rei sombrio tinha esperado tanto tempo, Aedion só podia adivinhar.

— As torres das bruxas? — perguntou Ren. O general contara a ele tudo o que Manon Bico Negro tinha revelado na caminhada pelo pântano de Pedra.

— Não diz. — Era improvável que Erawan tivesse usado as torres, pois eram imensas o bastante para requerer serem transportadas por terra, e os batedores de Aedion certamente teriam notado uma torre de trinta metros empurrada por seu território. — Mas as explosões derrubaram a cidade.

— Aelin? — A voz de Murtaugh era quase um sussurro.

— Bem — mentiu Aedion. — A caminho do acampamento de Orynth um dia antes do acontecimento. — É claro que não havia menção do paradeiro dela na carta de Kyllian, mas seu alto-comandante tinha especulado que, como não havia corpo ou inimigo comemorando, a rainha tinha escapado.

Murtaugh derreteu na cadeira, e Ligeirinha deitou a cabeça em sua coxa.

— Graças a Mala por essa misericórdia.

— Não agradeça ainda. — Aedion enfiou a carta no bolso do casaco espesso que vestia devido à corrente de ar no salão. *Sequer agradeça*, foi o que quase acrescentou. — A caminho de Eldrys, Morath derrubou dez dos navios de guerra de Wendlyn perto de Ilium e mandou o restante da frota em fuga pelo Florine acima, junto com a nossa.

Murtaugh esfregou o maxilar.

— Por que não ir atrás deles... e segui-los rio acima?

— Quem sabe? — Aedion pensaria nisso mais tarde. — Erawan colocou os olhos em Eldrys e agora tomou a cidade. Parece que vai lançar algumas das tropas dali. Se não forem impedidas, chegarão a Orynth em uma semana.

— Precisamos voltar ao acampamento — disse Ren, com o rosto sombrio. — Ver se conseguimos reunir nossa frota na descida do Florine e atacar com Rolfe pelo mar. Enquanto investimos em terra firme.

Aedion não teve vontade de lembrá-los de que não tinham tido notícias de Rolfe além de mensagens vagas sobre a caçada pelos mycenianos dispersos e sua frota lendária. As chances de Rolfe surgir para salvar a pele de todos eles eram tão poucas quanto as da famosa Tribo do Lobo na ponta das montanhas Anascul sair cavalgando do interior. Ou dos fééricos que tinham fugido de Terrasen uma década antes retornarem de onde quer que tivessem ido para se juntar às forças de Aedion.

Sentiu a calma calculada que o guiara por batalhas e massacres se assentar, tão sólida quanto o casaco de pele que vestia. A velocidade seria sua aliada agora. Velocidade e clareza.

*O exército precisa se manter firme*, ordenara Rowan antes de partirem. *Ganhe o máximo de tempo que puder para nós.*

Ele cumpriria essa promessa.

Evangeline ficou calada quando a atenção de Aedion passou para a metamorfa na ponta da mesa.

— Quantas pessoas a sua forma de serpente alada consegue carregar?

## ❧ 2 ❧

Elide Lochan tinha esperado um dia viajar para longe, para um lugar em que ninguém jamais tivesse ouvido de Adarlan ou Terrasen, tão distante que Vernon não teria chance de encontrá-la.

Ela não antecipara que isso poderia de fato acontecer.

Parada no beco empoeirado e antigo de uma cidade igualmente empoeirada e antiga no reino ao sul de Doranelle, Elide se maravilhava com os sinos do meio-dia soando pelo céu limpo, com o sol queimando as pálidas pedras dos prédios, e o vento seco varrendo as ruas estreitas entre eles. Ela já aprendera o nome daquela cidade três vezes e ainda não conseguia pronunciá-lo.

Elide sabia que não importava. Não ficariam ali por muito tempo. Assim como não tinham ficado em nenhuma das cidades pelas quais tinham passado, ou pelas florestas ou montanhas ou terras baixas. Reino após reino, no ritmo incansável determinado por um príncipe que parecia quase incapaz de se lembrar de falar, muito menos de se alimentar.

Ela fez uma careta para os couros de bruxa desgastados que ainda usava, para o manto cinza em frangalhos e as botas desbotadas, então olhou para seus dois companheiros no beco. De fato, todos tinham visto dias melhores.

— A qualquer minuto agora — murmurou Gavriel, com um dos olhos amarelos na entrada do beco. Uma figura escura e imponente se misturou às poucas sombras no arco quase em ruínas, monitorando a rua tumultuada adiante.

Elide não olhou por muito tempo para a figura. Tinha sido incapaz de aguentá-la durante aquelas semanas intermináveis. Incapaz de aguentá-lo, ou a dor insuportável no próprio peito.

A jovem franziu a testa para Gavriel.

— Deveríamos ter parado para almoçar.

Ele indicou com o queixo a bolsa desgastada pendurada na parede.

— Tem uma maçã na minha bolsa.

Olhando na direção do prédio que se erguia acima deles, Elide suspirou e estendeu a mão para a bolsa, vasculhando as mudas de roupas, corda, armas e vários suprimentos, até tirar de dentro a succulenta maçã vermelha e verde. A última das muitas que tinham colhido de um pomar em um reino vizinho. Ela silenciosamente a estendeu para o lorde feérico.

Gavriel arqueou uma sobrancelha dourada.

Elide imitou o gesto.

— Consigo ouvir seu estômago roncando.

Ele abafou uma gargalhada e pegou a maçã com uma reverência antes de a limpar na manga do casaco pálido.

— Está mesmo.

No fim do beco, Elide podia jurar que a figura escura tinha enrijecido a postura, mas ela não deu atenção.

Gavriel mordeu a maçã, com os caninos aparecendo. O pai de Aedion Ashryver — a semelhança era impressionante, embora se limitasse à aparência. Nos breves e poucos dias que Elide tinha passado com Aedion, ele se provara ser o oposto do macho atencioso e de fala mansa.

Depois que Asterin e Vesta os deixaram a bordo do navio no qual velejaram até ali, Elide ficara preocupada em ter cometido um erro ao escolher viajar com três machos imortais. Temendo ser menosprezada.

Mas Gavriel fora gentil desde o início, certificando-se de que a jovem comesse o suficiente e que tivesse cobertores em noites frias, ensinando a ela a montar os cavalos que custaram moedas preciosas porque Elide não teria chance de acompanhá-los a pé, com ou sem o problema no tornozelo. E durante as vezes em que precisaram guiar os cavalos por terrenos irregulares, Gavriel tinha até mesmo segurado a perna dela com magia, o poder dele como uma brisa morna de verão contra a pele de Elide.

Ela certamente não deixaria que Lorcan fizesse aquilo por ela.

Elide jamais esqueceria a visão do guerreiro semiférico rastejando atrás de Maeve depois que a rainha partira o juramento de sangue. Engatinhando atrás dela como um amante descartado, como um cão arasado e desesperado pelo dono. Aelin tinha sido torturada, a própria

localização deles tinha sido entregue por Lorcan para Maeve, e mesmo assim ele tinha tentado segui-la. Direto pela areia ainda úmida com o sangue de Aelin.

Gavriel comeu metade da maçã e ofereceu o resto a Elide.

— Você também deveria comer.

Ela franziu a testa para a mancha roxa sob os olhos do macho. Sob os dela também, sem dúvida. Seu ciclo, pelo menos, viera no mês anterior, apesar da viagem árdua que queimava qualquer reserva de comida no estômago.

*Isso* fora especialmente vergonhoso. Explicar a três guerreiros, que já conseguiam sentir o cheiro do sangue, que ela precisava de suprimentos. Mais paradas frequentes.

Não mencionara as cólicas que reviraram a barriga e as costas, irradiando pelas coxas. Continuara cavalgando e mantendo a cabeça baixa. Sabia que eles teriam parado. Mesmo Rowan teria parado para deixá-la descansar. Mas sempre que paravam, Elide via aquela caixa de ferro. Via o chicote, reluzindo com sangue ao estalar no ar. Ouvia os gritos de Aelin.

Ela se fora para que Elide não fosse levada. Não hesitara em se oferecer no lugar de Elide.

Esse pensamento por si só a mantinha na égua. Aqueles poucos dias tinham se tornado um pouco mais fáceis com as faixas limpas de linho que Gavriel e Rowan tinham fornecido, sem dúvida das próprias camisas. Quando as teriam cortado, Elide não fazia ideia.

Ela mordeu a maçã, saboreando a crocância doce e azeda. Rowan deixara algumas moedas de uma reserva que diminuía rapidamente em um tronco para cobrir as frutas que tinham tomado.

Em breve precisariam roubar o jantar. Ou vender os cavalos.

Um estampido soou de trás das janelas seladas um nível acima, finalizado por um grito masculino abafado.

— Acha que vamos ter mais sorte desta vez? — perguntou Elide, baixinho.

Gavriel estudou as persianas pintadas de azul, entalhadas com um arabesco complexo.

— Preciso torcer para que sim.

A sorte estava escassa ultimamente. Tinham tido pouca desde aquela praia maldita em Eyllwe, quando Rowan sentira um puxão no laço com Aelin — o laço da parceria — e seguira o chamado pelo oceano. Mas quando chegaram ao litoral, depois de várias semanas terríveis em águas revoltas por tempestades, não restava nada para rastrear.



Nenhum sinal da armada restante de Maeve. Nenhum sussurro do navio da rainha, o *Rouxinol*, aportando em algum porto. Nenhuma notícia do retorno dela para o trono em Doranelle.

Boatos eram tudo que tinham, arrastando-os por montanhas cobertas com neve profunda, entre florestas densas e planícies secas.

Até o reino anterior, a cidade anterior, as ruas lotadas de festejadores para comemorar o Samhuinn, para honrar os deuses quando o véu entre os mundos ficava mais fino.

Não faziam ideia de que aqueles deuses não passavam de seres de outro mundo. Que qualquer ajuda que ofereciam, qualquer ajuda que Elide jamais recebera da voz baixinha em seu ombro, fora com um objetivo em mente: voltar para casa. Peões — era tudo o que Elide e Aelin e os demais significavam para eles.

Isso fora confirmado pelo fato de que ela não ouvira um sussurro da orientação de Anneith desde aquele dia horrível em Eyllwe. Apenas empurrões durante os longos dias, como se fossem lembretes da presença dela. De que alguém estava observando.

De que, caso fossem bem-sucedidos na busca para encontrar Aelin, ainda se esperaria que a jovem rainha pagasse o preço mais alto àqueles deuses. Se Dorian Havilliard e Manon Bico Negro conseguissem recuperar a terceira e última chave de Wyrd. Se o jovem rei não se entregasse como o sacrifício no lugar de Aelin.

Então Elide suportava aqueles ocasionais empurrões, recusando-se a contemplar que tipo de criatura tinha se interessado tanto por ela. Por todos eles.

A jovem descartara esses pensamentos conforme o grupo vasculhava as ruas, atentos a qualquer sussurro da localização de Maeve. O sol tinha se posto, e Rowan grunhia a cada hora que passava sem dar em nada. Como todas as outras cidades não tinham dado em nada.

Elide os obrigara a continuar caminhando pelas ruas alegres, despercebidos e furtivos. Ela lembrava a Rowan, sempre que ele mostrava os dentes, que havia olhos em todos os reinos, todas as terras. E se a notícia de que um grupo de guerreiros feéricos estava aterrorizando cidades em busca de Maeve se espalhasse, sem dúvida isso chegaria à rainha sombria rapidamente.

A noite tinha caído e, nas colinas douradas e onduladas além das muralhas da cidade, fogueiras se acenderam.

Rowan tinha finalmente parado de grunhir ao ver aquilo. Como se puxassem algum fio de memória, de dor.

Mas então passaram por um grupo de soldados feéricos bebendo, e o macho ficara imóvel. Ele mensurara os guerreiros daquela forma fria e calculista que dizia a Elide que algum plano tinha sido formulado.

Quando se esgueiraram para um beco, o príncipe feérico o expôs em termos diretos e cruéis.

Uma semana depois, ali estavam. Os gritos aumentaram no prédio acima.

Elide fez uma careta quando o ranger da madeira ficou mais alto do que os sinos da cidade.

— Deveríamos ajudar?

Gavriel passou a mão tatuada pelos cabelos dourados. Eram os nomes dos guerreiros que tinham caído sob seu comando, explicara o feérico quando ela finalmente ousara perguntar na semana anterior.

— Ele está quase acabando.

De fato, até mesmo Lorcan já fazia uma careta impaciente para a janela acima de Elide e Gavriel.

Quando os sinos do meio-dia enfim pararam de soar, as persianas abriram-se bruscamente.

*Estilhaçaram-se* seria uma palavra melhor, pois dois machos feéricos saíram voando por elas.

Um deles, de cabelos castanhos, estava ensanguentado e gritava enquanto caía.

O príncipe Rowan Whitethorn não disse nada ao cair com ele. Ao segurar o macho com os dentes expostos.

Elide deu um passo para o lado, dando a eles bastante espaço quando caíram na pilha de caixas no beco, fazendo farpas e lixo voarem.

Ela sabia que uma lufada de vento tinha impedido a queda de ser fatal para o macho de ombros largos, o qual Rowan puxou dos destroços pelo colarinho da túnica azul.

Não seria útil para eles se estivesse morto.

Gavriel puxou uma faca, permanecendo ao lado de Elide conforme Rowan empurrava o estranho contra a parede do beco. Não havia nada bondoso no rosto do príncipe. Nada acolhedor.

Apenas o predador de sangue-frio. Determinado a encontrar a rainha que era dona de seu coração.

— Por favor — disparou o macho. Na língua comum.

Rowan o tinha encontrado, então. Não podiam esperar pegar o rastro de Maeve, percebera o guerreiro feérico no Samhuinn. Mas encontrar os coman-

dantes que serviam à rainha sombria, espalhados por vários reinos, empregados a governantes mortais... isso eles podiam fazer.

E o macho para o qual Rowan grunhia, com o próprio lábio sangrando, *era* um comandante. Um guerreiro, desde a envergadura dos ombros até as coxas musculosas. Rowan ainda era mais alto do que ele. Gavriel e Lorcan também. Como se, mesmo entre os feéricos, os três fossem uma raça totalmente diferente.

— É assim que vai funcionar — disse o príncipe para o comandante choroso, com a voz mortalmente baixa. Um sorriso cruel estampou sua boca, fazendo o sangue do lábio cortado escorrer. — Primeiro, quebro suas pernas e talvez um pedaço de sua espinha para que você não possa rastejar. — Ele apontou um dedo ensanguentado para a ponta do beco. Para Lorcan. — Sabe quem é aquele, não sabe?

Como se em resposta, o semifeérico saiu caminhando do arco, e o comandante começou a tremer.

— A perna e a coluna, isso seu corpo em algum momento curaria — prosseguiu Rowan conforme Lorcan continuou a aproximação sorradeira. — Mas o que Lorcan Salvaterre vai fazer com você... — Uma gargalhada baixa, sem alegria. — Não vai se recuperar disso, amigo.

O comandante lançou olhares frenéticos para Elide, para Gavriel.

Na primeira vez que aquilo tinha acontecido — dois dias antes —, Elide não conseguira assistir. Aquele comandante em particular não tinha nenhuma informação que valesse compartilhar, e considerando o tipo de bordel em que o haviam encontrado, ela não tinha realmente se arrependido de Rowan ter deixado o corpo dele em uma ponta do beco. E a cabeça na outra ponta.

Mas nesse dia, dessa vez... *Observe. Veja*, sibilou uma voz baixinha ao ouvido dela. *Ouçá*.

Apesar do calor e do sol, Elide estremeceu. Trincou os dentes, acumulando todas as palavras que subiam dentro dela. *Encontrem outra pessoa. Encontrem uma forma de usar seus poderes para forjar o Fecho. Encontrem uma forma de aceitar os destinos de vocês de permanecerem presos neste mundo para não precisarmos pagar uma dívida que nunca foi nossa.*

Mas se Anneith agora falava quando a havia apenas cutucado nos últimos meses... Elide engoliu aquelas palavras revoltosas. Como se esperava de todos os mortais. Por Aelin, ela poderia abaixar a cabeça. Como Aelin, no fim, faria.

O rosto de Gavriel não mostrou misericórdia, apenas um tipo sombrio de praticidade ao olhar para o comandante trêmulo pendurado pela mão de ferro de Rowan.

— Diga o que ele quer saber. Só vai piorar as coisas para você mesmo.

Lorcan quase o tinha alcançado, com um vento sinistro rodopiando em torno dos longos dedos dele.

Não havia nada do macho que ela passara a conhecer naquele rosto ríspido. Pelo menos não do macho que ele fora antes daquela praia. Não, aquela era a máscara que Elide vira pela primeira vez em Carvalhal. Insensível. Arrogante. Cruel.

O comandante contemplou o poder que se reunia na mão de Lorcan, mas conseguiu dar um riso de escárnio para Rowan, com sangue cobrindo seus dentes.

— Ela vai matar todos vocês. — Um olho roxo já surgia; a pálpebra estava tão inchada que se fechara. Ar pulsou nas orelhas de Elide quando Rowan travou um escudo de vento em torno deles. Selando todo o som. — Maeve vai matar cada um de vocês, seus traidores.

— Ela pode tentar. — Foi a resposta tranquila de Rowan.

*Veja*, sussurrou Anneith de novo.

Dessa vez, no momento em que o comandante começou a gritar, Elide não virou o rosto.

E quando Rowan e Lorcan fizeram o que tinham sido treinados para fazer, ela não conseguiu decidir se a ordem de Anneith tinha sido para ajudar — ou um lembrete do que precisamente os deuses poderiam fazer caso eles desobedecessem.

### — 3 —

As montanhas Galhada do Cervo estavam em chamas e a floresta de Carvalhal também.

As poderosas e antigas árvores mal passavam de cascos carbonizados, com cinzas tão espessas quanto neve caindo.

Brasas flutuavam ao vento, um deboche de como um dia tinham oscilado atrás dela como vagalumes enquanto ela corria entre as fogueiras do festival Beltane.

Tanta chama, o calor era sufocante, o próprio ar queimava seus pulmões.  
*Você fez isso você fez isso você fez isso.*

O estalar das árvores moribundas gemia as palavras, gritava-as.

O mundo estava banhado em fogo. Fogo, não escuridão.

Um movimento entre as árvores chamou a atenção dela.

O Senhor do Norte estava frenético, louco de dor, conforme galopava em sua direção. Conforme fumaça espiralava da pelagem branca, conforme o fogo devorava sua poderosa galhada — não era a chama imortal que havia entre os chifres da própria insígnia dela, a chama imortal dos cervos sagrados de Terrasen e, antes disso, de Mala, Portadora do Fogo. Mas chamas verdadeiras, malignas.

O Senhor do Norte passou retumbante, queimando, queimando, queimando.

Ela estendeu a mão para ele, invisível e inconsequente, mas o cervo orgulhoso seguiu adiante, com gritos irrompendo de seu focinho.

Gritos tão horríveis e intermináveis. Como se o coração do mundo estivesse sendo dilacerado.

Ela não pôde fazer nada quando o cervo se atirou em uma parede de fogo que se espalhava como uma rede entre dois carvalhos em chamas.

Ele não ressurgiu.



O lobo branco a estava observando de novo.

Aelin Ashryver Whitethorn Galathynius passou um dedo coberto de ferro pela borda do altar de pedra no qual estava deitada.

O máximo de movimento que conseguia fazer.

Cairn a deixara ali dessa vez. Não se incomodara em movê-la para a caixa de ferro contra a parede adjacente.

Um raro alívio. Acordar não na escuridão, mas à luz do fogo tremeluzente.

Os braseiros se extinguíam, chamando o frio úmido que pressionava sua pele. Ou o que quer que não estivesse coberto por ferro.

Aelin já puxara as correntes o mais silenciosamente possível. Mas elas seguravam firme.

Tinham acrescentado mais ferro. Nela. Começando pelas luvas de metal.

Ela não se lembrava de quando tinha sido. Onde fora. Havia apenas a caixa, então.

O sufocante caixão de ferro.

Ela o testara em busca de fraquezas diversas vezes. Antes de mandarem aquela fumaça de cheiro doce para deixá-la inconsciente. Aelin não sabia por quanto tempo tinha dormido depois daquilo.

Quando acordara ali, não havia mais fumaça.

Ela testara de novo, então. Tanto quanto o ferro permitia. Empurrando com os pés, os cotovelos, as mãos contra o metal impiedoso. Não tinha espaço o bastante para se virar. Para aliviar a dor das correntes que se enterravam em seu corpo. Ferindo-a.

Os ferimentos de chicote profundamente sulcados nas costas tinham sumido. Aqueles que tinham partido sua pele até os ossos. Ou aquilo também fora um sonho?

Ela flutuara para as memórias, para anos de treinamento em uma fortaleza de assassinos. Para lições em que fora deixada acorrentada, nos próprios excrementos, até descobrir como remover as correntes.

Mas tinha sido presa com aquele treinamento na mente. Nada que tinha tentado na escuridão apertada funcionara.

O metal da luva arranhava a pedra escura, quase inaudível sob os braseiros sibilantes e o rio que rugia além deles. Onde quer que estivessem.

Ela e o lobo.

Fenrys.

Nenhuma corrente o atava. Não era preciso.

Maeve ordenara que ele ficasse e montasse guarda, então ele o faria.

Por longos minutos, os dois se encararam.

Aelin não pensou na dor que a deixara inconsciente. Mesmo quando a memória de ossos estalando fez seu pé tremer. As correntes balançaram.

Mas nada lampejou onde a dor deveria ser lancinante. Sequer um sussurro de desconforto nos pés. Ela afastou a imagem de como aquele macho — Cairn — os desmembrara. Como ela tinha gritado até que a voz falhasse.

Podia ter sido um sonho. Um em meio à horda interminável que a caçava na escuridão. Um cervo em chamas, fugindo entre as árvores. Horas naquele altar, os pés destroçados sob ferramentas antigas. Um príncipe de cabelos prateados cujo próprio cheiro era como o de seu lar.

As memórias se turvavam e sangravam, até que mesmo aquele momento, encarando o lobo branco contra a parede do outro lado do altar, pudesse ser o fragmento de uma ilusão.

O dedo de Aelin arranhou a borda curva do altar de novo.

O lobo piscou para ela — três vezes. Nos primeiros dias, meses, anos daquilo, tinham criado um código entre eles. Usando os poucos momentos em que conseguira reunir forças para falar, sussurrando entre os buracos quase invisíveis do caixão de ferro.

Um piscar para sim. Dois para não. Três para *Você está bem?* Quatro para *Estou aqui, estou com você.* Cinco para *Isso é real, você está acordada.*

Mais uma vez, Fenrys piscou três vezes. *Você está bem?*

Aelin engoliu apesar da secura na garganta, descolando a língua do céu da boca. Ela piscou uma vez. *Sim.*

Aelin contou as piscadas dele.

Seis.

Ele inventara aquela. *Mentirosa*, ou algo assim. Ela se recusou a reconhecer aquele código em particular.

Aelin piscou de novo. *Sim.*

Olhos escuros a observaram. Ele havia visto tudo. Cada momento. Se tivesse permissão de se transformar, poderia contar a ela o que era invenção e o que era real. Se alguma coisa tinha sido real.

Nenhum ferimento jamais restava quando ela acordava. Nenhuma dor. Apenas a lembrança, o rosto sorridente de Cairn enquanto a sulcava, de novo e de novo.

Devia tê-la deixado no altar porque pretendia voltar logo.

Aelin se moveu o bastante para puxar as correntes, a tranca da máscara se enterrava em sua nuca. O vento não soprara suas bochechas ou a maior parte de sua pele que... ela não sabia.

O que não estava coberto por ferro estava vestido em um tecido branco, sem mangas, que chegava ao meio das coxas, deixando as pernas e os braços expostos para as sessões de Cairn.

Havia dias, memórias, de até mesmo aquele tecido ter sumido, de facas raspando seu abdômen. Mas sempre que ela acordava, o tecido permanecia intacto. Intocado. Sem manchas.

As orelhas de Fenrys se esticaram, estremecendo. Todo o alerta de que Aelin precisava.

Ela odiava o tremor que começava a se encolher em torno dos ossos conforme passos distraídos se arrastavam além do quarto quadrado e da porta de ferro que dava para ele. A única entrada. Nenhuma janela. O corredor de pedra que ela às vezes via de relance estava igualmente selado. Apenas o som de água entrava naquele lugar.

Ficava mais alto quando a porta de ferro se destrancava e se abria rangendo.

Ela se controlou para não estremecer quando o macho de cabelos castanhos se aproximou.

— Acordada tão cedo? Não devo ter trabalhado em você com tanto afinco.

Aquela voz. Ela odiava aquela voz mais do que todas as outras. Cantarolada e fria.

Ele usava roupas de guerreiro, mas nenhuma arma pendia do cinto em sua cintura fina.

Cairn reparou na direção de seu olhar e bateu no pesado martelo que pendia de seu quadril.

— Tão ansiosa por mais.

Não havia chamas para invocar. Sequer uma brasa.

Ele andou até uma pequena pilha de lenha ao lado de um braseiro e alimentou o fogo moribundo com ela. O fogo rodopiou e estalou, saltou sobre a madeira com dedos famintos.



A magia de Aelin sequer faiscou em resposta. Tudo o que ela comia e bebia pelo pequeno buraco na boca da máscara estava coberto de ferro.

Aelin tinha recusado a princípio. Sentira o gosto do ferro e cuspira.

Havia chegado à beira da morte por falta de água quando forçaram o líquido garganta abaixo. Então a deixaram passar fome — passar fome até que ela cedesse e devorasse o que quer que fosse colocado diante de si, com ou sem ferro.

Aelin não costumava pensar naquele momento. Naquela fraqueza. Em como Cairn ficara animado ao vê-la comer e no quanto ficara colérico quando, ainda assim, aquilo não tinha dado o resultado almejado.

O guerreiro carregou o outro braseiro antes de estalar os dedos para Fenrys.

— Pode cuidar de suas necessidades no corredor e voltar para cá imediatamente.

Como se um fantasma o levantasse, o enorme lobo saiu de fininho.

Maeve tinha considerado até mesmo isso: dar a Cairn poder para ordenar quando Fenrys comeria e beberia, quando mijaria. Ela sabia que Cairn deliberadamente se esquecia às vezes. Os choros caninos de dor chegavam até Aelin, mesmo na caixa.

Real. Aquilo tinha sido real.

O macho diante de Aelin, um guerreiro treinado em tudo menos honra e espírito, avaliou o corpo dela.

— Como brincaremos hoje, Aelin?

Ela odiava o som de seu nome naquela boca.

O lábio de Aelin se retraiu dos dentes.

Ágil como uma víbora, Cairn a agarrou pelo pescoço com força o bastante para marcar.

— Tanto ódio, mesmo agora.

Ela jamais abandonaria aquilo — o ódio. Mesmo ao mergulhar naquele mar em chamas dentro de si, mesmo ao cantar para a escuridão e a chama, o ódio a guiava.

Os dedos de Cairn se enterraram em seu pescoço, e Aelin não conseguiu impedir o ruído de sufocamento que escapou como um arquejo.

— Isso tudo pode acabar com algumas poucas palavras, princesa — ronronou ele, abaixando-se o suficiente para que seu hálito acariciasse a boca da jovem. — Algumas poucas palavras, e você e eu seguiremos rumos opostos para sempre.

Aelin jamais as diria. Jamais faria o juramento de sangue para Maeve.

Se jurasse, entregaria tudo o que sabia, tudo o que era. E se tornaria eternamente escrava. E abriria caminho para o fim do mundo.

A mão de Cairn no pescoço dela se afrouxou, e Aelin inspirou profundamente. Mas os dedos dele se detiveram do lado direito de seu pescoço.

Aelin sabia exatamente em que local, qual cicatriz, ele roçava os dedos. As pequenas marcas gêmeas no espaço entre o pescoço e o ombro dela.

— Interessante — murmurou Cairn.

Aelin afastou a cabeça, expondo os dentes de novo.

Cairn a golpeou.

Não no rosto, que estava coberto de ferro e abriria os nós dos dedos dele. Mas na barriga desprotegida.

O fôlego lhe foi arrancado e ferro tilintou quando Aelin tentou, sem sucesso, se curvar de lado.

Com patas silenciosas, Fenrys entrou de novo e assumiu o lugar contra a parede. Preocupação e fúria se acenderam nos olhos escuros do lobo quando Aelin arquejou por ar, quando os braços e as pernas acorrentados ainda tentaram se enroscar sobre o abdômen. Mas Fenrys pôde apenas se abaixar no chão novamente.

Quatro piscadelas. *Estou aqui, estou com você.*

Cairn não viu aquilo. Não reparou no único piscar de olhos dela em resposta conforme ele sorria para as pequenas mordidas no pescoço de Aelin, seladas com o sal das águas mornas de baía da Caveira.

A marca de Rowan. A marca de um parceiro.

Aelin não se permitiu pensar nele por muito tempo. Não quando Cairn pegou o martelo de cabeça pesada e o sopesou nas mãos largas.

— Se não fosse pela ordem de mordada de Maeve — ponderou o macho, avaliando o corpo dela como um pintor avalia uma tela em branco —, eu colocaria meus próprios dentes em você. Veria se a marca de Whitethorn ia se manter então.

Pesar se acumulou no estômago de Aelin. Ela vira a evidência do que as longas horas ali provocavam nele. Os dedos dela se fecharam, raspando a pedra como se fosse o rosto de Cairn.

Ele passou o martelo para uma das mãos.

— Isso terá de servir, suponho. — O guerreiro passou a outra mão pela extensão do tronco de Aelin, e ela deu um puxão nas correntes ao sentir o toque possessivo. Cairn sorriu. — Tão responsiva. — Ele segurou o joelho

exposto, apertando levemente. — Começamos nos pés mais cedo. Vamos subir mais desta vez.

Aelin se preparou. Tomou fôlegos profundos que a levariam para longe dali. Do próprio corpo.

Jamais deixaria que a quebrassem. Jamais faria o juramento de sangue.

Por Terrasen, por seu povo, o qual ela abandonara, deixando-o para que suportasse o próprio tormento durante dez longos anos. Devia aquilo a eles.

Mais e mais profundamente, ela ia, como se pudesse fugir do que estava por vir, como se pudesse se esconder daquilo.

O martelo reluziu à luz do fogo ao se elevar acima do seu joelho. Cairn segurou o fôlego conforme antecipação e prazer se misturaram em seu rosto.

Fenrys piscou, de novo e de novo e de novo. *Estou aqui, estou com você.*

Isso não impediu o martelo de cair.

Nem o grito que se estilhaçou da garganta dela.